

CIDADES EUROPEIAS  
NAS CARTAS DE ENEA SILVIO PICCOLOMINI



Armando Senra Martins

CIDADES EUROPEIAS  
NAS CARTAS DE ENEA SILVIO PICCOLOMINI

  
Edições Colibri

**CEC**  
Centro de Estudos  
Clássicos

Biblioteca Nacional de Portugal  
– Catalogação na Publicação

MARTINS, Armando Duarte Senra. 1971-

Cidades europeias nas cartas de Enea Silvio Piccolomini. – 1ª ed. - (Extra-colecção)

ISBN 978-989-689-714-7

CDU 821.131.1-6Piccolomini, Enea Silvio.09

Este livro é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UID/ELT/00019/2013

**Título:** Cidades Europeias nas Cartas de Enea Silvio Piccolomini

**Autor:** Armando Senra Martins

**Edição:** Edições Colibri e Centro de Estudos Clássicos

**Capa:** Raquel Ferreira

**Depósito Legal:** 433 352/17

Lisboa, Dezembro de 2017

Eu ponho amor no pilão com cinza  
E grão de roxo e soco. Macero ele  
faço dele cataplasma  
e ponho sobre a ferida.

Adélia Prado, *Bagagem*

Para a minha mulher e para os meus filhos



## INTRODUÇÃO

Uma cidade não se pode equiparar nem à natureza nem a uma obra de arte. O que a natureza faz não é passível de ser discutido; pelo contrário, o sentido de uma obra de arte pode ser o ponto de partida para uma argumentação ou um debate. A cidade, porém, não comunga nem da actividade criadora da natureza nem da actividade criadora de um artista. “Será a cidade uma obra ou um produto?” – pergunta Lefebvre e dá como exemplo a cidade de Veneza. Por muito que se possa pressupor uma “língua comum” no tecido urbano, o facto é que não há nenhuma intencionalidade subjacente a uma cidade (por muito bela que seja).<sup>1</sup>

A complexidade da ‘espacialidade’ urbana foi durante muito tempo, segundo Lefebvre, absorvida pela monumentalidade que não só proporcionava a cada membro a matriz da sua identidade, como materializava a vontade de superar a morte e o tempo.<sup>2</sup> A monumentalidade transcende a passagem do tempo e, sob determinado ponto de vista, é a expressão da vontade do poder, pois, como afirma Lefebvre, “o que é duradouro para além da vontade de durar?” A monumentalização, porém, e ao contrário

---

<sup>1</sup> H. LEFEBVRE, *The production of space*, Malden, MA, Blackwell Publishing, 1991 p. 73 ss.

<sup>2</sup> A relação entre beleza e perenidade é algo que o arquitecto e humanista Leon Battista ALBERTI enuncia quando afirma: “Além disso só esta beleza de que estamos a falar presta um grande contributo para a comodidade e também para a perenidade da obra. Quem dirá que não se sente mais cómodo quando se instala entre paredes adornadas do que sem ornamento? Ou, mais ainda, que coisa poderá tornar-se tão reforçada por algum artifício dos homens que esteja assaz protegido contra os estragos que eles provocam? Ora a beleza alcançará dos mais acirrados inimigos que dominem a sua fúria e a deixem ficar intacta; assim posso dizer: nenhuma obra estará tão segura e ilesa da injúria dos homens como pela dignidade e beleza da sua forma” (*Da arte edificatória*, tradução do latim de A. do Espírito Santo, introdução, notas e revisão disciplinar de M. J. T. Krüger, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2011, liv. VI, cap. 2, p. 377).